

**RECENSÃO<sup>1</sup> DO VOLUME 1 DE O CAPITAL PARA A REVISTA  
“DIE ZUKUNFT”<sup>2</sup>**

*Ricardo Pereira de Melo*  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

**Recensão<sup>3</sup> do Volume 1 de O Capital para a Revista “Die Zukunft”<sup>4</sup>**  
*(Rezension des Ersten Bandes Das Kapital für die “Zukunft”)*

Por

Friedrich Engels

[Tradução Ricardo Pereira de Melo]

Karl Marx, O Capital. Volume 1.

Hamburgo, Meißner. 1867. 784 p.

[207] É um fato entristecedor para qualquer alemão, que nós, povo de pensadores, tão pouco fizemos até agora no campo da economia política. Nossos célebres nesse assunto são, na melhor das hipóteses, simples compiladores como Rau e Roscher e, onde qualquer coisa original é produzida, temos protecionistas, como List (que, aliás, dizem ter copiado um francês<sup>5</sup>) ou socialistas, como Rodbertus e Marx. Nossa rigorosa economia política

---

<sup>1</sup> Esta é a primeira das nove resenhas publicadas por Engels sobre a primeira edição de 1867 do Livro I de *O Capital* de Karl Marx. Para romper a “conspiração do silêncio”, Engels começa uma série de publicações nos jornais liberais e burgueses com o objetivo de despertar a academia oficial alemã sobre o livro do amigo. Com a ajuda de Ludwig Kugelmann, a resenha é publicada no *Die Zukunft*, sem assinatura.

<sup>2</sup> *Die Zukunft* (O Futuro) foi uma revista democrático-burguesa, editada por Guido Weiß e órgão do Partido do Povo.

<sup>3</sup> Esta é a primeira das nove resenhas publicadas por Engels sobre a primeira edição de 1867 do Livro I de *O Capital* de Karl Marx. Para romper a “conspiração do silêncio”, Engels começa uma série de publicações nos jornais liberais e burgueses com o objetivo de despertar a academia oficial alemã sobre o livro do amigo. Com a ajuda de Ludwig Kugelmann, a resenha é publicada no *Die Zukunft*, sem assinatura.

<sup>4</sup> *Die Zukunft* (O Futuro) foi uma revista democrático-burguesa, editada por Guido Weiß e órgão do Partido do Povo.

<sup>5</sup> Engels faz referência ao economista francês François-Louis-Auguste Ferrier e a sua obra *Du gouvernement considéré dans ses rapports avec le commerce* [Sobre o governo, considerado em suas relações com o comércio] publicada em Paris em 1805. Friedrich List faz uso de diversos termos no seu livro *Das nationale System der politischen Oekonomie* [O Sistema nacional da Economia Política] publicado em 1841.

parece, realmente, ter a tarefa de levar aos braços do socialismo todos os que tratam seriamente a ciência econômica. Afinal, já não vimos isso, que toda a economia oficial ousou se opor a Lassalle sobre a antiga e reconhecida lei da determinação dos salários e, deixando Lassalle defender homens, como Ricardo, contra Schulze-Delitzsch<sup>6</sup> e outros? Infelizmente, a verdade é que nem mesmo Lassalle eles foram capazes de liquidar cientificamente – seja qual for o reconhecimento que suas aspirações práticas mereçam –, e tiveram de aceitar a acusação de que toda sua ciência consiste apenas na diluição das harmonias de Bastiat<sup>7</sup>, que por sua vez trata de ocultar todas as contradições e dificuldades. Bastiat como autoridade e Ricardo como renegado – eis a nossa economia oficial na Alemanha hoje em dia! Mas, de fato, como poderia ser de outra forma? Para nós, infelizmente, a economia é um campo pela qual ninguém se interessa cientificamente; ou ela é um ganha-pão para o exame da administração pública, ou uma ferramenta de agitação política que exige uma aprendizagem superficial. Seria culpa da nossa fragmentação estatal, ou da nossa indústria, infelizmente, ainda pouco desenvolvida? Ou seria culpa de nossa tradicional dependência de países estrangeiros nesse ramo da ciência?

[208] Nessas circunstâncias, é sempre gratificante ter um livro como este em mãos, no qual o autor remete com indignação à corrente decadente ou, como ele a denomina apropriadamente de “*economia vulgar*”, diante do retorno dos seus modelos clássicos desde Ricardo e Sismondi, que também assume uma atitude crítica em relação aos clássicos, mas sempre se esforçando para manter o curso da rigorosa investigação científica. Os escritos anteriores de Marx, particularmente sobre o sistema monetário publicado em 1859<sup>8</sup> por Duncker em Berlim, já se distinguiam tanto por um rigoroso espírito científico, quanto por uma crítica implacável e, para nosso conhecimento, toda nossa economia oficial não produziu nada para refutá-lo. Mas, se ela não foi capaz de lidar com a escrita naquele tempo, como ela vai lidar agora com as 49 folhas<sup>9</sup> de *O Capital*? Compreendam-nos corretamente: não queremos dizer que não se pode levantar

---

<sup>6</sup> Engels refere-se ao livro de Ferdinand Lassalle *Herr Bastiat-Schulze de Delitzsch, der ökonomische Julian, oder: Capital und Arbeit [O Sr. Bastiat-Schulze von Delitzsch, o Juliano da Economia, ou: Capital e Trabalho]*, publicado em Berlim em 16 de janeiro de 1864.

<sup>7</sup> Trate-se do livro *Harmonies économiques [Harmonias econômicas]* de Frédéric Bastiat publicado em 1850.

<sup>8</sup> Trata-se do livro *Zur Kritik der Politischen Oekonomie (Para a crítica da economia política)* publicado em 1859, no qual Marx analisa a questão do dinheiro e da circulação monetária.

<sup>9</sup> “Folhas”, aqui, é metonímia para caderno de folhas, notação numérica à moda antiga que, no caso, equivale ao total de páginas da edição original de *O Capital* (784 páginas).

objeções às deduções deste livro em que Marx apresentou suas provas por completo. Nós apenas estamos dizendo o seguinte: não acreditamos que entre todos os nossos economistas haja alguém capaz de refutá-lo. As investigações realizadas neste livro são da mais alta sofisticação científica. Referimo-nos, essencialmente, à estrutura artístico-dialética do todo, no modo como o conceito existente de mercadoria já contém, em si, a exposição do dinheiro, assim como o capital é desenvolvido a partir do dinheiro. Reconhecemos a categoria recém-criada de *mais-valia* como um avanço; não podemos nos opor quando afirma-se que, não o *trabalho*, mas sim a *força-de-trabalho* aparece no mercado como mercadoria; consideramos que está inteiramente adequada a correção da lei ricardiana da taxa de lucro (que, ao invés de lucro deve ser definido como mais-valia). Temos que admitir, que o sentido histórico, que permeia todo o livro e que proíbe o autor de tomar as leis econômicas como verdades eternas, para qualquer coisa que não seja as formulações de certas condições sociais de existência transitórias, tem sido muito dirigido a nós; que a erudição e a engenhosidade com as quais as várias condições sociais históricas e suas condições de existência são representadas, infelizmente, iríamos procurar em vão, entre nossos economistas oficiais. As investigações como as condições econômicas e as leis da escravidão, as várias formas de servidão e subordinação e o surgimento de trabalhadores livres têm permanecido até então completamente estranhos aos nossos especialistas em economia. Gostaríamos igualmente de ouvir as opiniões desses senhores sobre [209] os desenvolvimentos aqui apresentados sobre a cooperação, a divisão do trabalho e manufatura, maquinaria e grande indústria em seus contextos e efeitos históricos e econômicos, eles poderiam pelo menos aprender algo novo aqui. E o que dirão, especialmente, sobre os fatos que contrariam todas as teorias tradicionais da livre concorrência e, no entanto, estão comprovados por vasto material oficial? Na Inglaterra, a pátria da livre concorrência, agora quase não existe mais ramo de trabalho onde não seja rigorosamente obrigatória a intervenção do Estado no tempo diário de trabalho e que não seja supervisionado por inspetores de fábrica. E, contudo, não apenas os ramos industriais individuais aumentaram na medida em que o tempo de trabalho foi limitado, mas também o trabalhador individual produziu mais com menos tempo.

Infelizmente, não há como negar que o tom particularmente áspero que o autor usa contra os economistas *oficiais alemães*, não seja injustificado. Eles todos pertencem mais ou menos à “economia vulgar”, pois por causa da popularidade, prostituíram sua ciência e negaram seus clássicos corifeus. Eles falam de "harmonias" e vagam nas contradições

RECENSÃO DO VOLUME 1 DE *O CAPITAL* PARA A REVISTA “DIE ZUKUNFT”

mais banais. Que a dura lição dada neste livro, sirva para despertá-los de sua letargia, para trazer a lembrança que a economia política não é apenas uma vaca nutritiva para alimentar-nos com manteiga, mas uma ciência que exige uma cultura séria e zelosa.

Escrito em 12 de outubro de 1867.

Publicado em 30 de outubro de 1867.

Revista *Die Zukunft*, Berlin, nº 254, suplemento.

Tradução a partir das Obras Completas de Marx e Engels.

Karl Marx-Friedrich Engels-Werke, Band 16, Dietz Verlag Berlin, 1962, pp. 207-209.